

# Geografia e potência naval com atenção à guerra atual

Conferência realizada a 28.III.41 pelo contra-almirante DON-  
NER no grêmio "Questões de marinha" da Sociedade alemã  
de Política Militar e Ciências Militares, de Berlim.

Trad. do Gen. KLINGER do mensário de dita Sociedade,  
"Ciência e Defesa Nacional", N.º de maio de 1941.

Solicitado pelo grêmio "Questões de marinha" da nossa Sociedade a encarregar-me duma conferência, confesso que accedi muito vacilante, pois eu me perguntava: "Que contribuição? Posso eu, em nossos dias, trazer às questões do programa desse grêmio?" Do ponto de vista da história naval e de sua aplicação à doutrina da guerra naval, não será fóra de propósito? enquanto convivemos essa luta de inauditas proporções, total, tirarmos ensinamentos e paralelos? para de algum modo os aproveitarmos no presente, ou inversamente? Não me julgo competente para assentar juizos no domínio da atual estratégia, da tática, da técnica do armamento; e o que a respeito tenho lido e ouvido é geralmente de caráter confidencial.

Se, contudo, me decidi por aceitar o encargo, assim foi porque eu não quis sonegar aos meus ouvintes, aproveitando a oportunidade, a comunicação de reflexões que durante minha atividade fui fazendo e consolidando, para meu próprio esclarecimento, e que num círculo de bons entendedorés poderão servir, vez por outra, de encarar as conexões entre os diferentes domínios da luta pelas armas, sob os pontos de vista que referirei.

A sensura mais frequente que sóem fazer a todo aquele que busca apreender o conjunto de domínio tão complexo como o da guerra é o da unilateralidade. Mas também creio

que igualmente frequente é a injustiça contida em semelhante censura. É certamente impossível que um homem se coloque em todos os pontos de vista susceptíveis de serem assumidos em face dum problema de tão vastas proporções, de modo que é impossível que as imagens apanhadas correspondam a todos os pontos de vista possíveis. O que se pôde sensurar é querer prevaleça a imagem adquirida de limitado ponto de vista.

O tema que escolhi, apenas como larga moldura, "Geografia e potencia naval", em si mesmo nada diz e diz tudo; peço que o considerem apenas como diretiva para determinado ponto de vista, do qual pretendo encará-lo.

Dispensa demonstração a inseparabilidade das noções geografia e guerra. Entretanto a vultosa literatura militar nem sempre patenteia essa inseparabilidade evidente, tanto que não é contradisso o exame da guerra terrestre, aérea e naval no sentido de assinalar qual a influência dos imperativos geográficos sobre a potência militar nesses três elementos - chamemo-les assim, a terra, o ar e o mar - no âmbito total da conduta da guerra. Entretanto, quando se queda da conduta da guerra duma potência mundial é imprescindível, a meu ver, apreender seguramente o entrozamento das rodas dos três poderes, terrestre, aéreo e naval, e firmar precisamente onde e quando a atuação de cada um é autónoma, ou onde e quando a das três é interdependente. A nossa história militar — assim considero a tradicional, secular, notadamente constituida dos fastos militares da PRUSSIA e da AUSTRIA — está gravada em mil recordações na alma do povo alemão. Através de mais de um século de vigência, o serviço militar obrigatório entrelaçou estreitamente o homem alemão com seu exército, atingindo também a mulher, todas as famílias. A percentagem reclamada pela marinha nesse tributo militar é expressa apenas por fração.

Eis que começa o fator geográfico: até a presente guerra mundial, todas as nossas guerras objetivavam a defesa do território alemão no continente. Nesse mesmo sentido ainda conduzimos dita guerra. Verdade é que a construção da nossa

esquadra até essa época revela que certos dirigentes haviam reconhecido que a formação da nossa potência militar era consequência necessária de nosso ingresso no rol das grandes potências mundiais; mas incontestavelmente a questão do emprego da marinha não havia alcançado pleno esclarecimento e muito menos ainda havia sido percebida a discriminação adequada no emprego conexo das forças terrestres e navais, que devem entrozar-se mutuamente para a realização do objetivo político da guerra.

A guerra popular era a terrestre. Quasi todas as famílias tinham varões seus no exército e muito poucas na marinha. De fato, ali estará sempre a grande maioria, mesmo na mais forte potencia naval; pois até na INGLATERRA o número de combatentes do exército é muito superior ao dos marinheiros. Era o exército que dava a nota dominante na guerra. Não porque o povo se desinteressasse da guerra naval, mas esta era considerada como episódio e era julgada segundo os pontos de vista da guerra terrestre, com a tática pergunta: que foi que se conquistou? que foi que ganhamos? Afundamento de navios de guerra ou mercantes era vitória, e causava admiração que semelhante vitória fosse alcançada em alto mar, e na próxima vez perto de HELGOLAND. Em suma: o nosso modo de pensar a respeito de guerra era aferido pelo pensamento continental. Hoje podemos reconhecer isso serenamente: essa maneira tradicional de pensar, segundo a qual a verdadeira guerra é continental; não era só do povo da ALEMANHA, senão que estava fundamentalmente radicada, até no alto comando, inclusive na marinha. O formidável desdobramento de forças em terra, o esgotamento de nosso potencial de guerra terrestre, o efeito da punhalada (revolução alemã), não deixaram reconhecer a realidade de que, no fim de contas, foi a potência naval que decidiu da guerra; e depois a situação geográfica a que fomos relegados ao cabo da guerra havia de trazer por si própria novamente ao primeiro plano de nossas cogitações, tal qual anteriormente, a nossa segurança no continente.

Não vou estender-me sobre o fato, senão apenas aludir, que finalmente a nossa suprema direção política, notadamente depois da assenção do partido nazi ao poder, deu maior consideração ao problema da defesa do oceano, graças ao aguçamento do problema econômico. Por sua parte a marinha, com o ensinamento da grande guerra precedente e o respectivo estudo, foi levada a soltar-se das últimas partículas da casca de ovo da orientação militar terrestre e também a pensar dentro do problema guerreiro em conjunto.

Poder-se-ia reparar que essas referências escapam ao tema, pois que tratam do ponto de vista continental e o oceânico na guerra; e eu revidaria que, entretanto, esses dois pontos de vista emanam de causas muito reais de repercussão de geografia sobre a guerra. **O objetivo da guerra** — e com isso a sua política e a estratégia — **resulta do objetivo político**. E este, do qual a guerra não é mais que o prosseguimento, tem por objetivo final a conservação ou a ampliação do espaço vital.

Não é intenção minha tratar hoje aqui do problema dos espaços vitais ou ecuménos: aí se encontram o alfa e o ômega do presente conflito. Contudo, no complexo desse problema uma coisa me impressionou, que a meu ver é inseparável das questões que temos em vista, do correto emprego da potência nacional como um todo. E' o seguinte: quando nós alemães falamos em espaço vital compreendemos propriamente um espaço terrestre continental contínuo, o que não exclui que nele se contenham águas mediterrâneas. De fato, o nosso espaço vital se acha primariamente situado em posição central de região continental. Mas esse continente também possui territórios ribeirinhos marítimos e os povos que neles vivem também hão de considerar, do mesmo modo primariamente, o respectivo espaço vital como o por eles ocupado, prolongado pelas terras continentais contíguas; e, mais ainda, hão de encarar com certa fixidez os territórios de apropriação situados do outro lado do mar que os banha. Isso explica, por exemplo, a política vacilante da FRANÇA — vacilante entre política continental do RENO e política colonial imperialista.

Mais claramente ainda se nota o fenômeno nos objetivos da política italiana, na qual assume relevo o aneio por espaço no Mar Mediterrâneo, portanto política não continental. Já os estados ribeirinhos da península ibérica, como também HOLANDA, BELGICA e os nórdicos, podem fazer prevalecer em sua política um ou outro dos pontos de vista. Seria demasia-lo longa a digressão se entrassemos a desenvolver isso.

Defronta-se com a nossa interpretação de espaço vital continental o ponto de vista antípoda da INGLATERRA, usufrutuária de espaço vital oceanico. A importância de semelhante contingência para a determinação de objetivo da guerra pode ser bem expressa numa frase do professor WOLGAST também conhecido neste círculo: "Se é certo que todas as grandes potências contemporâneas pensam em espaços terrestres, a INGLATERRA pensa em rotas marítimas". Ambos os modos de pensar entendem com a política e com a economia. E forçosamente se transmite ao domínio da defesa nacional pelas armas.

Quando política e economicamente se pensa em espaços terrestres, consequentemente se fixam os objetivos da defensiva e da ofensiva em tais espaços. Na defensiva é óbvio; já na ofensiva, recurso único de ganhar a guerra decisivamente, a questão de saber se o inimigo defende precipuamente ecumônio continental ou oceanico. Se o caso é o segundo, ele também só poderá ser batido por meios marítimos, e a potência continental será forçada a empregar semelhantes meios; portanto, passa ao primeiro plano a guerra naval. Isso, porém, não implica que tal guerra deva ser travada só pela marinha, mas unicamente que a idéia-méstria da guerra deve ser a dominação das rotas marítimas, portanto entrar no âmbito da marinha de guerra. Não deixa de ser travada a guerra pela totalidade da força armada; até muitas vezes as forças de terra e aéreas podem passar ao primeiro plano das operações, mas a fixação do objetivo da guerra é condicionada pela potência naval.

Isso é bem patenteado pela atual guerra: se a ação militar italiana foi ofensiva, base de partida na LIBIA e na ERI-

TRÉA, isso foi determinado por objetivo oceanico, a saber, a rota marítima do canal de SUEZ e do Mar Vermelho. O objetivo da guerra aí travada em terra e no ar é objetivo marítimo. Se a ITALIA for recalculada para a defensiva, seu adversário oceanico lhe fará guerra terrestre: o italiano defenderá espaço continental.

Igual se comprova na luta pela ilha inglesa: pois que na passada grande guerra a ALEMANHA não logrou dominar a frente francesa, a potência oceanica inglesa poude fazer guerra terrestre contra nós, e assim desconhecemos que em última instância precisavamos fazer guerra naval, con quanto empenhando toda a potência militar nacional. A presuposição de que com a vitória sobre a FRANÇA, portanto o alcance do objetivo da guerra terrestre, estaria ganha a guerra, hoje em dia, à luz da situação contemporânea, evidencia melhor o seu infundado; e chega-se à pergunta, se, assim encarado o caso, não era acertado reservar a fróta de alto mar para a decisão final, não arriscá-la prematuramente. Não pretendo responder a essa pergunta, apenas fazê-la, pois as situações são diferentes; mas parece-me que se na de então se houvesse encarado a guerra como problema para a totalidade da força armada nacional, com um objetivo de conjunto, principalmente constituido pela luta contra uma potencia oceânica, as considerações particulares das forças terrestres e navais ter-se-iam subordinado, e a marinha teria sido empregada mais cedo em operações ofensivas.

O que eu queria salientar a esse propósito é a influência do imperativo geográfico dos espaços vitais, a qual se traduz na preponderância do caráter terrestre ou marítimo da guerra, conforme tal espaço vital seja predominantemente terrestre ou oceânico.

A atmosfera recobre por igual a terra e o oceano. Mas os objetivos da guerra aérea não se acham no ar, isto é, não existe aí analogia com o que se passa na guerra terrestre e na naval, as quais têm seu objetivo respetivamente em terra e no mar. Destarte, a arma aérea faz a conexão entre a terrestre e a naval, outróra meio estranhas uma à outra; tanto se pres-

ta à guerra terrestre como à naval. Seu objetivo é da natureza de uma ou de outra, e na execução operativa procede muitas vezes autonoma, outras vezes coopera com o exército ou a marinha, tal qual se dá com cada um destes poderes. Ainda tereis várias ocasiões de pôr em relevo quanto a guerra aérea naval influe nas condições geográficas do emprego da força naval.

No momento é meu propósito estabelecer a conexão entre o ponto de vista dos espaços continentais ou oceanicos para o emprego da potencia naval. Quando falo em espaços vitais oceanicos, tomo por base a hipótese de se acharem igualmente interessados na função intercomunicante do oceano diversos povos grupados em volta dele. Passa o problema a assumir caráter politico-militar, desde que um desses povos ribeirinhos, ou mais de um, ou ainda potencia naval outra, ponha em cheque a segurança do intercambio permitido por aquele mar, dando em consequência uma disputa pelas armas. Para usar de expressão mais geral, é a questão da hegemonia no referido espaço vital oceanico, que desencadeia guerras, tal qual no contiente a da hegemonia terrestre.

Destarte defrontamos um problema que interessa a política geral, tanto quanto à política da defesa nacional armada, como fundamento da estratégia em caso de guerra. E a história nos ministra repetidamente o ensino de que todos os Estados que têm interesse em um mar são fortemente atraídos pela costa fronteira. Isto é muito simplesmente aplicado pela política geral, desde que se considere o mar em causa como elo entre os povos ribeirinhos. Torna-se intuitivo que cada povo nessas condições terá interesse político e econômico em achar-se de algum modo também representado do outro lado. Com isso exercerá maior influência sobre os bens e valores que de lá se importam. Em outras palavras: é a busca de cabeças de ponte políticas, ou pelo menos, econômicas "do outro lado". Mas isso acarreta consequências de índole politico-militar, as quais repercutem diretamente na estratégia naval. Esta cogita da fiscalização, talvez do domínio, das cor-

respondentes rotas marítimas. São essas rotas que erguem à categoria de espaço vital o espaço circundante dum mar.

Portanto, se a política leva a procurar a contra-costa, com mais forte razão deve fazer-se o mesmo a estratégia naval, pois é óbvio que o mais eficiente senhoreio duma rota tem lugar pelo senhoreio de seus pontos terminais.

Assim, é natural considerar a existência duma lei política, de contra-costa paralela à conhecida lei militar das cabeças de ponte.

Por toda parte a história nos denuncia a vigência dessa lei. No mundo antigo, quando as bolsas intraterrâneas dos oceanos, hoje reduzidas à condição de mares internos, eram sede de espaços vitais, elas tinham o caráter de oceanos. Na antiguidade clássica, a grande potência continental persa, atingidas as costas do Mar Mediterrâneo na ÁSIA MENOR, na SÍRIA e no EGIPTO, busca por meio das guerras persas a contra-costa da ELADE, no que é impedida pela derrota naval de SALAMINA. CARTAGO é poderosa enquanto senhoreia a contracosta na SICILIA; quando a perde na primeira guerra púnica, ela ainda se mantém porque permanece na ESPANHA, mas sucumbe desde que ROMA, por sua parte, se apodera da sua contracosta, na ESPANHA e na ÁFRICA.

E desde então esse jogo se repete através dos séculos, e um olhar sobre a situação nossa contemporânea patenteia que assim continua sendo. Refiro isso porque hoje se é geralmente induzido a crer que as coisas que se passam no Mediterrâneo, assim se passam porque este é a mais curta rota marítima para a INDIA. E' necessário reconhecer que, mesmo sem essa causa, as potências europeias ribeirinhas do Mediterrâneo teriam que buscar a contra-costa africana. E' assim que a ESPANHA almeja MARROCOS, a FRANÇA também, mais a ALGÉRIA e a TUNÍSIA, e a ITÁLIA por TRIPOLIS e a CIRENAICA, pois que no torneio político lhe ficou vedada TUNIS.

Jogo análogo deparamos no mar BÁLTICO, desde quando a SUÉCIA, buscando sua contra-costa, aspira à margem meridional. O que lhe sucedeu foi que suas forças foram in-

suficientes para manter-se nessa margem, quer na banda oriental, quer na da ALEMANHA do Nórte, pois a pressão terrestre lhes era superior. Por seu turno, o JAPÃO estende os braços para a CORÉA e, mais longe, para a CHINA, porque ali está a sua contra-costa do intermar sino-japonês.

Exemplos de intermares podem ser multiplicados, quasi à vontade. Entretanto seria incauta generalização aplicar a lei da contra-costa como explicação imanente para a expansão colonial da raça branca sobre o globo terrestre, desde o descobrimento da AMÉRICA. O fenômeno resultou simplesmente da circunstância de haverem povos navegadores logrado reduzir a seu serviço os oceanos, como rotas marítimas, a exemplo do que antes sucedia só com os mares interterrâneos. Os continentes descobertos são explorados pela colonização, como fonte de bem-estar. Não importa que com o correr dos tempos tais povos entraram a disputar essa utilização: guerras coloniais e marítimas acompanham as guerras terrestres na EUROPA e exercem grande influência sobre o resultado destas. Mas, no fim de contas, é uma EUROPA que se decide a respeito dos domínios coloniais. E' que verdadeiramente os espaços vitais desses povos ainda são continentais ou dispostos em volta de grandes mares inter-térreos.

Só a GRÃ-BRETANHA, sem contiguidade terrestre com o continente, começa cedo a resolver o seu problema do espaço vital no sentido oceânico. Não buscou a solução pela planejada conquista da contra-costa no ATLÂNTICO, pelo menos septentrional, sobretudo depois da emancipação dos Estados Unidos da AMÉRICA DO NORTE, porém apossando-se de bases comerciais e navais-estratégicas em todo o globo. Desnecessário que eu aqui desenvolva essa história, pois que muito está escrito a respeito.

O que importa para as minhas presentes considerações é o seguinte: a emancipação das filiais coloniais da raça branca, iniciada há século e meio pelos Estados Unidos e seguida pela dos Estados Sul e Centro-Americanos; o despertar da raça amarela na ÁSIA Oriental; e o progresso da técnica, que vence distâncias; o que cada vez mais se tem patente neste século;

redundaram claramente numa redução dos oceanos, pelo menos duma parte deles, a ponto de passar a manifestar-se política e militarmente a lei da contra-costa.

Muita gente sacode a cabeça em face das contradições da política dos Estados Unidos, e até a maior parte de seu próprio povo não comprehende o imperialismo americano, conforme constantemente revela a sua literatura.

Por que a posse das FILIPINAS ? Por que atrair a iniciativa do JAPÃO com a teimosa busca de influência na CHINA ? Admita-se que o espírito empreendedor de alguns, o desejo de mostrar-se importante uma nação nova, ou questões de comercio e de matérias primas, tenham interferido em diversos dos saltos militares e políticos dos Estados Unidos através do oceano; mas é irrecusável que nisso influiu fundamentalmente a força de atração da contra-costa.

A guerra hispano-americana ultimou o desligamento da parte ibérica do continente com a EURÓPA e levou a bandeira dos Estados Unidos à contra-costa do PACÍFICO, nas FILIPINAS. Passo análogo sobre a contra-costa européia do ATLÂNTICO não podia ser empreendido, pois a isso se opunha a esquadra inglesa, então ainda assás poderosa. Mas uma semente foi lançada na ÁFRICA, sob a capa de república negra da LIBÉRIA. Já a passada grande guerra removeu a hegemonia inglesa como potencia naval: maior tornou-se a tentação da contra-costa européia para os Estados Unidos.

Somos chegados ao ponto de focalizar uma particularidade do problema da contra-costa. A história mostra que só é possível conservar pé na contra-costa quando afi o poderio militar é insignificante, pelo menos inferior, tornando exequível o ancoramento colonial. Se, porém, ali habitam povos de equivalente poderio econômico ou militar, os interesses das duas partes a bem dizer confinam no meio do oceano. Este passa a ser o intermediário num espaço vital comum aos dois ribeirinhos opostos, e permite a ambos o seu aproveitamento como tal.

Os Estados Unidos fundamentam a sua atitude diante da nossa guerra contra a INGLATERRA com a afirmação de que

uma EUROPA guiada pela ALEMANHA, levada esta à beira do ATLÂNTICO, buscará necessariamente a contra-costa, com o que se torna agudo o perigo a invasão a que se acham expostas as regiões do MONROE.

Podemos rir a bandeiras despregadas de semelhante alegação. Quem não sabe que a roda da história não desanda? Que é impossível reduzir novamente à condição de colônias os grandes povos americanos? Mas é de crer que o presidente ROOSEVELT conheça melhor a seu povo, e se este acredita em semelhantes argumentos, será porque ainda é dominado por complexos de inferioridade, remanentes da era colonial. Na realidade a situação será antes ao oposto, tanto que os EE.UU., menoscabando a força da EUROPA, buscam a contra-costa na EUROPA, pela absorção da massa fávida inglesa. Semelhante ambição teve começo de realização mediante a permuta de pontos de apoio ingleses na esfera de MONROE. E uma INGLATERRA que fosse vencedora graças ao auxílio dos E.U., achar-se-ia tão enfraquecida, que não teria salvação senão na sua fusão com estes, os quais destarte teriam ganhado a contra-costa européia. Se entretanto depois de sua derrota a ilha grã-britânica continua a fazer parte da EUROPA, mesmo para essa hipótese está no bolso a promessa de ficar com a esquadra inglesa, e com esse acréscimo sempre será possível manter a contra-costa atlântica na ÁFRICA e a do PACÍFICO na AUSTRALIA e na ÁSIA Oriental.

Com a delimitação dos espaços continentais surge imediatamente a questão do espaço oceânico, pois também os povos continentais não podem subsistir sem potência naval; e não só potência costeira, mas em condições de impor-se em alto mar. Se tal potência naval, nas duas costas, é equilibrada, isso impede a hegemonia dumas das partes, ou mesmo a hegemonia global em todos os mares, como foi a da INGLATERRA. Tal equilíbrio permite o intercâmbio compensado e intercomplementar, de continente a continente. Portanto, da geografia dos mares e dos continentes resulta a necessidade de encarar a relatividade mútua das potências sob o ponto de vista oceânico.

nico. Para todos os povos continentais, esse ponto de vista tem direito à mesma consideração que o da potência terrestre. No debate bélico todos os ramos da potência militar intervém concomitantes. Nem a grande guerra passada, nem a atual, favoreceram a plena evidenciação das missões que impõe à potência naval a luta pelo oceano e em torno dle. Conquanto estejamos realizando em todos os oceanos uma guerra global contra as comunicações da INGLATERRA com suas ubiqüetárias possesões ultramarinhhas ou zonas de influência, ela ainda se distingue radicalmente duma guerra travada por um mar ou por uma parte do mesmo, conforme houve ensejo de se ver em mares mediterrâneos, como sejam o europeu deste nome, o Báltico, o do Norte e o do Japão. A conduta dos E.U. na grande guerra anterior nos advertiu, e na presente nos impõe positivamente a certeza, de que neste sentido o ATLÂNTICO se tornou mar intertéreo: as suas providências patenteiam que eles procuram neste oceano a contra-costa, e para isso não se arreceiam de provocar a guerra pela equiparação dos dois ecumêños ribeirinhos, duma parte o europeu-africano, da outra o anglo-ibero-americano.

Não se pode recusar a evidência de que os E. U. encaram a possibilidade de que a derrota da INGLATERRA lhe vede tomarem pé imediatamente na contra-costa européia, e para tal emergência estão tomando suas contrapreparações para que tenham a máxima segurança contra a pretenção de hegemonia pela outra parte. Está patente que nesse sentido eles se acham em plena ofensiva diplomática e militar.

Desde o rompimento da guerra, por meio da declaração duma zona de segurança em torno de todo o continente, assumiram o papel de tutor deste. Seguiu-se a célebre troca de bases navais e aéreas na TERRA NOVA, BERMUDA, BAHAMA, INDIAS OCIDENTAIS e GUIANA INGLESA, por destroiers; e ultimamente a declaração duma esfera de interesses atlânticos para a doutrina de MONROE, limitada por um meridiano que começa na GROENLÂNDIA, encerra as BERMUDAS e as ilhas MALVINAS e é cognominada hemisfério ocidental. E tudo isso naturalmente não impõe que se tenha

em mente penetrar mais fundo na massa falida da INGLATERRA derrotada, por maneira a ganhar postos muito mais avançados para oeste, ou pelo menos estender a eles sua preponderância. Não é de crer que, na hipótese, se atrevam até a ISLÂNDIA e a IRLANDA. Mas já têm desmascarado seu interesse pelos AÇORES, pela Nigéria Inglesa e Francesa (DAKAR e BATURST), FREETOWN, e ultimamente até S. HELENA.

Pois, apesar de toda essa bem desenhada ofensiva americana no ATLÂNTICO, a nossa atual guerra marítima é operativamente ainda guerra costeira, guerra de mar mediterrâneo, e a ação dos cruzadores e submarinos se opéram mais além, nos oceanos, serve de reforço ao efeito final de semelhante estratégia. Verdade é que oficialmente ainda não nos achamos em estado de guerra com os Estados Unidos, e a luta contra a hegemonia marítima universal inglesa pôde ser conduzida pela guerra comercial de par com a guerra costeira, tanto no mar do Norte como no Mediterrâneo, ao passo que a luta contra a pretensa hegemonia americana no ATLÂNTICO teria de ser conduzida por meios bem outros, revestiria caráter mui diferente, como guerra de alto mar.

Destarte a consideração dos oceanos como espaços vitais nos impõe a conclusão fundamental de que sob o ponto de vista da política naval o Oceano Atlântico, pelo menos septentrional, se tornou mar mediterrâneo, mas que a respeito dos meios de guerra no mar e seu emprego continua a ser alto mar, e como tal continuará por tempo ainda imprevisível.

A guerra de alto mar por meio de grandes esquadras retomará seus direitos no sentido que lhe era peculiar há 50 anos passados e durante os séculos anteriores, isto é de guerra em mares intercontinentais. E' que nesses idos tais mares equivaliam a alto mar; e talvez seja característico do início duma nova era a respeito dos imperativos geográficos da estratégia naval o fato de que a batalha do SKAJERRAK, por assim dizer em posição avançada da costa, não foi travada até seu desenlace.

Durante os séculos passados a potência militar que irradiava da costa, não tinha maior alcance que o dos canhões

assestados aqui e ali nessa costa. Quem dispusesse de superioridade de artilharia costeira, tinha o mais extenso domínio do mar. Não deixava dúvidas a influência inequivoca da geografia dos mares e das costas como base da política naval, e a potência naval podia ser calculada pela potência em vários navios porta-canhões que o respectivo país pudesse apresentar.

Ultrapassa de muito as raias da pura tática no emprego dos meios de combate naval a verdadeira revolução produzida pela técnica, através da adopção dos submarinos e da aviação. Resulta modificada a própria geografia dos mares pois que os limites entre alto mar e águas costeiras, conquantos não tenham desaparecido, não permitem mais reconhecer diretamente o seu contorno.

Neste círculo desnecessário é que me alongue sobre o problema das posições avançadas das costas; é noção hoje corrente. Desejo apenas focalizar que não teria sentido pretender singelamente traçar na carta uma linha proximamente paralela à costa, que se delimita uma de outra a zona de ação das armas de posição avançada costeira e a das armas de alto mar. São demasiado complexas as condições para semelhante delimitação. Dependeu não só da espécie das armas de posição avançada que o país ocupante da costa pode pôr em ação, como também das várias outras condições que reinam nesse espaço costeiro, relativamente à topografia marítima, clima e outras. Basta lembrar a questão das profundidades dágua, por causa do emprego de minas e submarinos, a questão da frequência de marés e de temporais, por causa do emprego de pequenas embarcações, como também caça-minas, barcos velóses, etc. e principalmente a questão meteorológica, por causa do emprego da aviação. Ainda desempenham importante papel a conformação das costas e as condições da região terrestre costeira, pois disso dependem as possibilidades de oferecerem pontos de apoio, esconderijos, facilidades de abastecimento e de socorro para as armas costeiras e de sua posição avançada. A esse respeito são bem patentes os extremos quando se compararam a costa atântica, em que pusemos pé, na NORUEGA e na FRANÇA, com suas numerosas instalações

portuárias e de bases aéreas e o respectivo "hinterland" europeu altamente adiantado, de outra parte as formidáveis extensões desertas da costa africana ou australiana, em que são precárias as condições para constituição de posição avançada costeira.

O enorme progresso da aviação veio tornar mais sensível e decisivo, o influxo principal das posições avançadas costeiras na manifestação da potência naval. Já na guerra russo-japonesa e na passada grande guerra as duas armas torpedo e mina, apoiadas à costa, haviam imposto sério problema à manifestação da potência naval de grandes esquadras contra posições avançadas costeiras; entretanto só a sua associação com a arma aérea foi que veio imprimir a tais problemas importância decisiva. Não só porque a arma aérea com suas bombas e torpedos põe em perigo as grandes unidades navais, mas porque empregada em massa, a partir da costa, proporciona informações oportunas e a grande distância sobre o campo da ação naval, pelo menos de dia e com boa visibilidade, com o que facilita o lançamento das armas navais contra todo o trafego marítimo do inimigo, a vigilância sobre campos minas longínquos, e a suplantação, no gérme, de toda tentativa de penetração em tais campos. Desnecessário descer a pormenores de tudo isso. Nunca será demais frisar para o julgamento das zonas de posições costeiras avançadas, que elas senhoreiam tão vastas extensões marítimas que também aí se faz sentir o influxo da vastidão dos mares.

As linhas de transmissão da zona de guerra de alto mar para a de luta das posições avançadas costeiras ficarão sempre variáveis; tanto o alto mar como as zonas de posições costeiras avançadas não podem ser mantidas sob ocupação. Não é posição de contorno fixo, como na guerra terrestre, nem no mar nem no ar; a dinâmica peculiar à guerra naval continua a reinar, apenas com outros meios de guerra.

Se os campos de posições costeiras dos dois adversários se interpenetram, a vantagem será daquele que possuir o maior potencial para constituir e guarnecer as posições avançadas — meios aéreos e meios navais, de superfície e subma-

rinos; bem como tiver posições envolventes mais favoráveis. Encarando o caso particular da guerra atual, salta aos olhos como o campo de posições avançadas costeiras da EUROPA submetidas à ALEMANHA dispõe do potencial de energia produtora e da reserva humana dum hinterland que é todo o continente. Ao passo que a ilha BRITANICA a esse respeito está adstrita à produção do seu reduzido espaço, conquanto disponha de imensas reservas ultramarinas, as quais porem precisam transpor um campo de posições avançadas costeiras. E estas se acham na sombra de nossa posição envolvente.

Destarte, do ponto de vista geográfico o efeito da técnica sobre a noção do espaço determinou radical mudança da situação potencial da INGLATERRA em relação às outras potências mundiais. A guerra terrestre e a aérea são atingidas por essa modificação de natureza geográfico-militar, porque absolutamente não mais admitem considerá-las isoladamente num espaço tão estreito como a EUROPA, a qual não pôde deixar de ser considerada como um todo continental.

Faz alguns anos apareceu em tradução alemã o livro do internacionalista inglês BOWLES, "A Força da INGLATERRA". Tal tradução é grande merecimento do almirante BATSCH, pois que facilita excelente golpe de vista sobre o conceito inglês da guerra naval, BOWLES ali estabelece uma teoria segundo a qual a história universal apresentaria centrais marítimas naturais; e procura demonstrá-la por meio de cálculos e de estatísticas de trafego internacional, concluindo que em nossos dias, examinado o conjunto do globo terráqueo quanto ao intercambio comercial, LONDRES é a natural central marítima mundial. Acrescenta como captatio benevolente que para isso não importa subsista o império britânico, politicamente, ou seja qual for o povo residente em LONDRES. A finalidade de semelhante afirmação é justificar que o povo ocupante de dita central marítima do mundo tem de ser responsável pela política em todas as rotas marítimas.

E' claro que a caracterização de LONDRES nesse sentido depende essencialmente da sua condição de entreposto duma grande parte da esfera econômica européia, com a sua

população densa, cheia de necessidades, e altamente produtora; assim sendo, não se vê por que semelhante função não possa igualmente ser atribuída, talvez com vantagem, a praças como ROTTERDAM ou HAMBURGO. Sito estas duas por que nelas também se acentua claramente a restrição do espaço marítimo. Basta considerar a forma esferóide da terra para concluir que não pode existir semelhante central natural. Se, porém, com semelhante conceito se tem em mente um porto destinado a exercer papel importantíssimo na terra, por motivo de sua condição de entreposto necessário de mercadorias, por força da importância dos consumidores a que serve e do respectivo grupo de produtores, então ainda será preferível afastarmo-nos da exígua faixa litorânea e pensarmos no campo das posições costeiras avançadas; e verificaremos então que os mares mediterrâneos do norte da EUROPA, o Báltico e o do Norte, são os que apresentam aquele grupo de portos nos quais contemporaneamente se desenvolve a mais intensa dinâmica do intercâmbio comercial mundial.

Conquanto digressão, ainda isso evidência como é radical a modificação experimentada pela moderna geografia dos mares. Fecha-se o círculo. Se antes a INGLATERRA era potência europeia no mesmo sentido das potências continentais e podia, conforme suas conveniências, assumir o papel de continente isolado no oceano ou de comparsa na comunhão dos povos do continente europeu, hoje em dia ela se acha invariavelmente integrada no continente. Não importa o sentido em que futuramente a nossa vitória venha a traduzir isso politicamente. Uma coisa me parece desde já clara: ultimada a nova ordem europeia, passará novamente a segundo plano a era das guerras marítimas conduzidas principalmente com as armas de posições costeiras avançadas. Os mares mediterrâneos europeus ao sul e ao norte estarão pacificados. Os povos da contra-costa europeia no Mediterrâneo, tanto na ÁFRICA como na ÁSIA, acham-se em relativo atrazo cultural, de maneira que jazerão sob a hegemonia européia. A EUROPA unificada, entre potências equilibradas, conservará longamente em suas mãos as cabeças de ponte do outro lado do Me-

diterrâneo, de modo que não é de esperar aí se forme contra-frente. Assim, o grande espaço europeu acha-se em situação de contato continental com as regiões vizinhas, ao passo que seu contato é oceânico com o hemisfério americano. Este por sua parte tem para ambos os lados contactos oceânicos.

Surje então a pergunta: que influência? tem a conformação geográfica do Oceano Atlântico sobre o senhoreio desse problema? Em primeiro lugar, deve-se notar que a conduita da guerra de alto mar terá objetivos muitos outros dos que até então ocorriam na guerra contra a INGLATERRA. A relativamente pequena ilha britânica acha-se em completa dependência da importação de mercadorias ultramarinas, de modo que ela pode ser mortalmente atacada pelo ataque a essa importação. Além disso, mesmo antes de sua completa inclusão no âmbito continental, sempre ela se achava expostas ao perigo de invasão. Certamente também se poderá atacar a navegação dirigida para os Estados Unidos da América do Norte, mas isso não terá o mínimo efeito decisivo sobre a guerra, pois que ali existe autarquia. Inversamente, desde que se unifique o espaço europeu-africano, garantido este em toda parte no continente e eliminada a ameaça à retaguarda, do lado da ÁSIA, também os Estados Unidos nada realizarão de decisivo para a guerra mediante ataques à nossa navegação marítima.

Uma invasão militar do continente americano por parte da EUROPA pode ser concebida como exequibilidade de expedições que tomariam pé num ou outro ponto, dada a imensidão do oceano, tal seria, porém, impossível na zona avançada costeira norteamericana. Seriam, como disse, empresas limitadas. A transferência de exércitos que pudessem pretender medir-se em guerra terrestre com os E.U.A. e por esse meio forçá-los à paz, seria tarefa em tal maneira gigantesca, suas comunicações seriam tão expostas, que semelhante concepção pode ser incluída no domínio das utopias.

Quanto ao aspecto do conceito da ofensiva por parte dos E. U. A., já o dei a entender: uma invasão americana à EUROPA apresenta iguais dificuldades; é de crêr que lá nem

pensem nisso. Mas o grande espaço EUROPA mais ÁFRICA ainda está em vias de formação, por isso é expontâneo que os E. U. A. pensem em sufocar no seu germe tal propósito, para isso tratando de garantir para si um espaço de desenvolvimento na contra-costa central e meridional africana.

Tambem para eles aproxima-se o termo das ilimitadas possibilidades. A população de cor aumenta rapidamente, a margem de espaço alimentício vai diminuindo, e receiam que em futuro próximo deparem com os mesmos problemas dos povos europeus. Portanto, é de se levar em conta a hipótese de pensarem em assentar pé na ÁFRICA. E aqui, em oposição com o que se passa no continente americano, o qual está dividido em estados mais ou menos organizados, estarão diante dum continente colonial ainda grandemente atrasado. Não se pôde em nossos dias contar com uma guerra africana por meio de grandes exércitos continentais, e à falta de comunicações adequadas e estradas terrestres através dos desertos e das matas, terá vantagem o beligerante que se achar em condições de fazer os transportes por via marítima. De modo que a luta pelo domínio do Atlântico visará menos as rotas comerciais de que as linhas de comunicações militares. Não importará, pois, a destruição de tonelagem de navios e a questão será principalmente começar por conquistar bases presa de mercadorias, nem esfomear o adversário pela fome: avançadas, o mais possível avançadas.

A inspecção da carta nos patenteia os pontos de curto circuito. O acesso aos grandes portos de abastecimento norte-europeus, dos mares do Norte e Báltico, é flanqueado pela região islandogrelandesa. Já manifestei que não acredito num golpe dos E. U. A. contra a ISLANDIA, não obstante já ouvir falar lá em protetorado sobre essa ilha. Mas a GRO-ENLANDIA foi abertamente declarada pertencente ao hemisfério ocidental. Fiz aí um foco, e o espaço que se interpõe tem o caráter de posição avançada costeira, semelhante ao mar do Norte. Aí temos, pois, em caso de guerra a possibilidade de choque direto entre forças terrestres e aéreas.

A GROENLANDIA fica no âmbito da corrente glacial ártica, a ISLANDIA no do golfstream. Portanto, condições meteorológicas inteiramente distintas. Entre as duas terras passa o meridiano que, segundo a acepção norte-americana, é o divisor dos hemisférios.

Nessa conformidade, os AÇORES representam a extrema ponta da EUROPA. A distância entre eles e a TERRA NOVA é equivalente à que medeia entre a SICILIA e a PALESTINA; e a distância entre os AÇORES e as BERMUDAS equivale à maior extensão do mar Mediterrâneo. O que isso significa, inclusive para a arma aérea, está bem caracterizada pela guerra atual no mar Mediterrâneo. GIBRALTAR e MALTA ensinam quanto é difícil tomar por via marítima um território ilhado, desde que bem fortificado.

No mesmo sentido é maior ainda a importância do CABO VERDE. De modo que ambos os arquipelagos se acham em perigo extremo. De par com as CANARIAS espanholas, constituem o pomo de futuras decisões. Se a EUROPA lograr conservá-los e garantí-los em seu poder, estaria conseguido para ela a mais importante das condições para garantia do equilíbrio atlântico. Visto que a potência naval depende imediatamente das bases a partir das quais ela atua, também a constituição material da frota de alto mar, suas particularidades de construção, dependem do êxito da EUROPA nessa guerra, isto é, nossa parte da guerra. Por isso, a meu ver, é aí que reside o centro de gravidade do problema atlântico que diretamente se nos depara.

O avanço dos E. U. A. na preparação marítima seria inútil se eles não tivessem que enfrentar simultaneamente o problema do PACÍFICO. E este não é mar intraterreno, em política nem militarmente, conquanto encarado do alto presente uma distribuição de potências semelhante à do atlântico.

Não desejaria tomar-lhes tempo, ainda, com o exame de do do PACÍFICO. A seu respeito tem-se escrito e falado os últimos anos mais que sobre o ATLÂNTICO. Ele apresenta mais pronunciado o caráter de alto mar. A isso correspon-

de a política naval dos E. U. A. e do JAPÃO. Igualmente encontramos que as esferas de interesses se aproximam no norte, bem assim o meridiano dos 180º como divisor dos hemisférios. Mas as condições são diferentes a respeito das ilhas que interessam como possíveis pontos de apoio. Não sabemos se ocupa o primeiro plano a luta pelo espaço sulasiático, com a ÍNDIA e a INSULINDIA, ou se tal papel cabe à AUSTRÁLIA. Ainda aqui a geografia impõe que se encarem os problemas oceanicamente, e também predominará sobre a guerra comercial a guerra pelas comunicações marítimas. Como disse, levar-nos-ia demasiado longe uma penetração nesse problema.

Conquanto a decisão acerca da absorção definitiva da GRÃ BRETAGNA pelo espaço europeu na proteção das armas europeias de campo avançado costeiro contra ataques procedentes do outro lado do ATLÂNTICO, contudo as rotas atlânticas continuarão a ser as preferências para atender às nossas necessidades vitais com as matérias primas indispensáveis a haurir das fontes da ÁFRICA OCIDENTAL. Demais, o florescimento da EUROPA beneficiada com a nova ordem faria florescer, no interesse de ambas as partes, o intercâmbio com a AMÉRICA DO SUL, ao passo que a autarquia panamericana seria incapaz de absorver convenientemente os produtos sul-americanos.

A atual primeira linha de defesa da EUROPA, que passa pela ESCOSSIA, as ÓRCNEY, SHETLAND, FAROE e daí busca a ISLANDIA, teria seu prolongamento na grande divisória que partindo da TERRA NOVA busca os AÇORES, o arquipélago do CABO VERDE e a NIGÉRIA (BATHURST, FREETOWN, DAKAR, etc.). Sua dominação pelo norte-americano cortaria de nós não só a ÁFRICA central e meridional mas também a AMÉRICA Central e do Sul.

Tiveram os E. U. A. tempo, meios e calma de tomar suas providências de política naval com vistas a esse campo de operações. Há muitos anos eles trabalham na frota para dois oceanos. Na mesma orientação insiste a aquisição que fizéram de bases navais inglesas. E ainda corresponde à mesma tendência o consta de que a INGLATERRA estaria dispos-

ta a trocar navios de batalha por destroiers, pois estes interessam mais que aqueles contra a ameaça sentida pela INGLATERRA por parte dos submarinos. Tudo resulta da situação geográfica da INGLATERRA — a sua locação dentro do campo avançado costeiro europeu, a sua dependência das importações e das respectivas rotas marítimas, as quais ao se aproximarem da ilha se tornam convergentes, tanto mais que a ilha é relativamente pequena; tudo torna exequível o seu bloqueio. Como já referi, análoga conduta de guerra contra o continente americano autárquico não daria resultado.

O submarino conservará sua grande importância no campo avançado costeiro da EUROPA, da ÁFRICA e das ilhas atlânticas; constituirá parte integrante da frota de alto mar e muito contribuirá na preparação da decisão por meio das perturbações no tráfego entre o sul e o norte do continente americano; mas a decisão final caberá às frotas de alto mar. Por ora o mesmo se verifica a respeito da arma aérea; sua eficácia diminui rapidamente com o afastamento das costas, enquanto sejam possíveis importantes operações a partir de porta-aviões, de ilhas e de aviões de bordo. O exército é a condição fundamental para garantia da posição operativa básica na EUROPA e para aquisição e garantia de pontos de apoio na ÁFRICA. Desenvolvimento análogo têm as circunstâncias no espaço do PACÍFICO, sob condições geográficas outras.

A esta luz ressalta a importância do pacto triplice: conserva os E. U. A. numa tenaz e tem destinação oceânica.

E' um só ponto de vista debaixo do qual eu pretendia encarar as correlações entre geografia e potencia naval. Como disse, não me surpreenderá a pécha de unilateralidade. Espero que me acreditem que não sou cégo a respeito dos inúmeros outros fatores que intervêm no jogo das forças do mundo. Nem mesmo eu podia ter a intenção de esgotar o exame de todas as condições geográficas imperativas que influem no exercício da potencia naval. Já aí os pontos de vista possíveis são demasiado numerosos. Límito-me hoje a salientar dois pontos no fundamento da geografia dos oceanos.

O primeiro ponto é que a segurança do grande espaço vital europeu-africano que almejamos não pode ser produzida simplesmente ou preponderantemente pela potencia continental. Nem ainda se quisermos aqui estabelecer plena autarquia, e em consequência desistirmos da contribuição dos bens suplementares que importamos do ultramar.

E' que as mais importantes linhas de comunicações nossas com a ÁFRICA central e meridional, tanto para abastecimentos em geral, como para fins militares, são rotas marítimas. Isso não é imposição da geografia da ÁFRICA, por força de sua grande cintura desértica septentrional. O saliente da costa ocidental africana é naturalmente o ponto extremo ocidental duma linha avançada que permite a uma potencia estraeuropéa atlântica nos disputar a utilização do espaço africano. A idéia de autarquia, mesmo dum espaço tão vasto quanto o europeu-africano, representa apenas um expediente, fadado à ineficiência, exposto que se acha ao ataque pelos meios de bloqueio. O ideal é que exista tal equilíbrio de forças navais que, suplantada a crise da segurança, cada um dos interessados possa ter sua parte nos bens mundiais. Desse ponto de vista é para nós intolerável que se forme uma potência que ameace cortar-nos do ATLÂNTICO SUL, inclusive da AMÉRICA DO SUL.

Também já referi que seria igualmente absurdo que nós fossemos procurar nossa contracosta na margem oposta sul-atlântica, pois os países ali situados não podem ser recolonizados. Mas é evidente que os E. U. A. têm em mente semelhante pensamento, e para isso julgam enxergar ainda possibilidades na ÁFRICA.

O segundo ponto está em focalizar quão diferentes serão em relação à guerra atual os problemas que a potencia naval terá de encarar na guerra de alto mar contra potencia transatlântica. O equipamento naval restituirá o cerne da decisão aos cruzadores e navios de batalha, enquanto as armas das guerras nas posições avançadas costeiras conservem sua importância para garantia da base da guerra de alto mar. Precisamente a circunstância de haver sido a INGLATERRA ab-

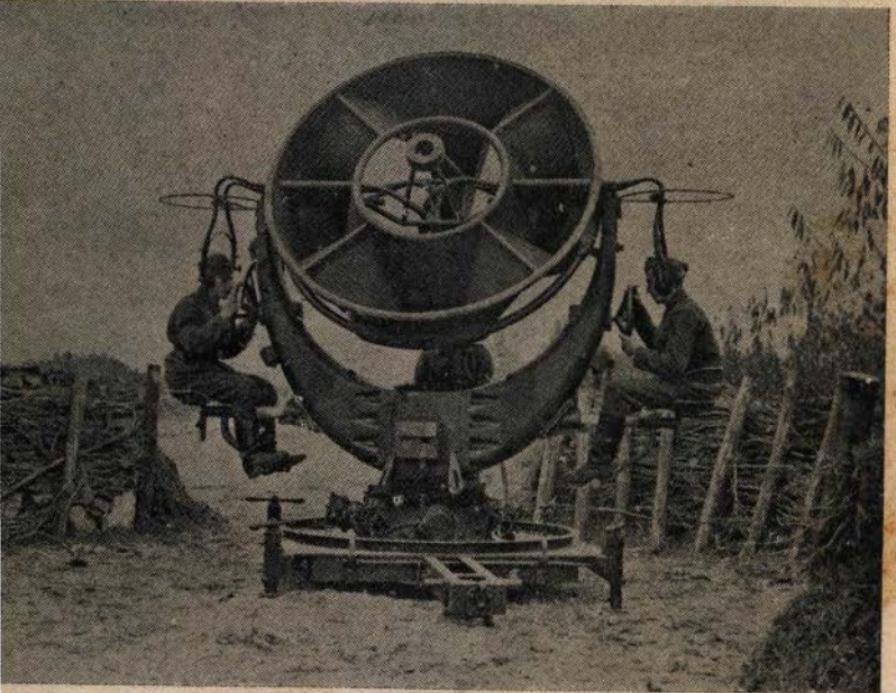
sorvida no espaço continental da zona avançada costeira, dentro da qual ela está exposta a ser atingida decisivamente, veio incentivar a profunda conexão entre as forças de terra, do mar e do ar, conexão que cada dia mais se impõe. Isso não será alterado no dia da luta entre as potências de um lado e outro de ATLÂNTICO, tornado mar interior, politicamente, se bem que conserve estratégicamente o caráter de alto mar. Visto que a potência naval depende de posições — tal qual a potência aérea-naval — a potência terrestre e a aérea se ajustarão material e espiritualmente, com vistas a operações estreitamente conexas com as da frota. Espiritualmente, o que importa é reconhecer com acerto as posições importantes para a guerra naval de alto mar; materialmente, desenvolver as armas e meios necessários a tão enormes espassos, com objetivos condicionados por imperativos geográficos tão variados.

O exército de hoje já se adaptou a expedições ultramarinas, empresas de desembarque, guerras nos trópicos e nos desertos. Vôos longínquos para ataques e para esclarecimentos ultramarino, reconhecimento de importantes objetivos de ataque naval, e o correspondente desenvolvimento do armamento, são já o pão de cada dia da arma aérea. Prosseguirá o desenvolvimento rumo à guerra de alto mar. Nenhuma das forças, de terra, do mar ou do ar, poderá pois deter-se nas praias marítimas, para o estudo dos fundamentos geográficos da conduta da guerra. Cada uma delas, já se vê, tem seu campo peculiar de ação, mas necessita essencialmente reconher todas as consequências de seu influxo no conjunto da guerra. Esse conjunto é que é decisivo, e as partes têm o dever de adaptar-se às suas exigências em toda a extensão das possibilidades de cada qual. Jamais na história semelhante condição foi preenchida em tão alto grau como pelo alto comando alemão na presente guerra. E destarte a guerra, esse grande mestre dos povos, habilitará também o nosso povo heróico a resolver magistralmente seus futuros problemas oceanicos, tanto quanto até aqui os continentais: e agora não apenas com a responsabilidade da própria sorte, mas da de todo o continente europeu.

A POSSE DA NOVA DIRETORIA



## GUERRA NO AR



Moderno material de artilharia anti-aérea alemã